

ÚLTIMO SEGREDO! QUE SEGREDO(S)? COMENTÁRIO CRÍTICO

Abílio Lousada

Nota Introdutória

O presente texto, simbolicamente em **33** páginas, comenta o livro *O Último Segredo* [Gradiva, 2011], da autoria de José Rodrigues dos Santos e serviu de pretexto para um momento de reflexão espiritual na Santa Quadra Pascal de 2013.

Abordo o assunto para comentar o ‘estrondo’ das ‘revelações ocultas!?', apesar de não ser especialista em assuntos bíblicos, não ser versado em religião e ter a fé dos pobres pecadores que procuram luz no mundo das trevas lampejadas de ignorância. Mas reflicto no que me ensinam, analiso o que leio e transmito a honestidade das convicções sem apoucar opiniões alheias.

Passou a fase temporal de um debate que não aconteceu¹, a controvérsia que não existiu e as novas ideias que não o são. O livro de JRS tentou dar seguimento à onda da polémica que rodeou o livro *Caim* de José Saramago [Caminho, 2009] e o Deus rancoroso e vingativo identificado no Antigo Testamento (que está em linha de concordância com as motivações de Mark Twain 1835-1910), fazendo algo de semelhante com o Novo Testamento, mediante revelações bombásticas que repensam a idoneidade da Bíblia (‘uma fraude’), colocam em causa a fé em Cristo (‘um judeu ortodoxo saído das berças’) e desmontam os dogmas da Igreja Católica (‘embustes’). Acontece que José Rodrigues dos Santos não é José Saramago

“Escreve São Mateus que quando Jesus entrou em Jerusalém toda a cidade se comoveu e os seus habitantes perguntavam: «Quem é este?» (Mt 21,10). Era esta a questão que se colocava amiúde às testemunhas da actividade daquele Mestre de Nazaré. Praticamente em cada página do Evangelho encontramos diferentes personagens que de alguma forma se interrogavam sobre Ele: qual a sua origem? Como pode ensinar com tanta autoridade? De onde vem o seu poder? Como consegue fazer milagres? Por que parece opor-se aos costumes do seu tempo? Como é possível que as autoridades o rejeitem? Tudo isto são perguntas que sempre foram feitas e continuaram a fazer-se ao longo da História. Crentes e não crentes, cristãos que procuram sustentar a sua fé e caçadores de desculpas para ridicularizar a religião, pessoas em busca de dados comprováveis que as conduzam à verdade e pessoas assaltadas por dúvidas sempre procuraram informar-se sobre a existência e a personalidade de Jesus de Nazaré: terá Ele existido? Poderá saber-se, com toda a certeza, algo do que Ele fez ou disse?

Os Evangelhos e os escritos cristãos são fidedignos em relação à realidade? Terão sido conservadas informações autênticas acerca de Jesus em textos não cristãos? Será possível constatar, em

¹ Quantos exemplares vendeu “*O Último Segredo*”? Milhares. E quantos exemplares vendeu em Portugal, na mesma altura, o livro “*O Céu Existe Mesmo*”, que relata a história de uma criança que esteve em coma e disse ter visto o Céu, Jesus e alguns familiares já desaparecidos (que não conheceu em vida), e que descreveu corretamente e sem hesitações? Uns milhares mais. Foi o campeão de vendas no mesmo período.

fontes literárias antigas – independentes das fontes cristãs –, a verosimilhança do que dizem os Evangelhos? Os textos cristãos são obras tendenciosas que apenas oferecem a versão prepotente de quem logrou impor as suas ideias pela força?

As perguntas são desde há muito, mais ou menos as mesmas, e as constatações não variaram grandemente. No entanto, nos últimos anos, certas descobertas arqueológicas não só despertaram a atenção dos especialistas como também chamaram a atenção do grande público, apresentando, pelo menos aparentemente, novos dados que tornaram insatisfatórias as respostas tradicionais a essas questões. Documentos escritos em papiro e pergaminho encontrados nas grutas de Qumran (no deserto da Judá), colecção de códices achados em Nag-Hammadi ou noutros lugares do Egipto, textos cristãos antigos relidos à luz destas descobertas forneceram uma informação directa e indirecta sobre grupos marginais de judeus ou cristãos em épocas remotas – algumas vezes quase contemporâneas de Jesus – levantando questões até agora difíceis de resolver.

Se às novidades dos achados recentes (que em certos casos não passaram de refinadas falsificações) acrescentarmos as interpretações sensacionalistas sobre as figuras de Jesus, dos Apóstolos ou de Maria Madalena, que aparecem quase diariamente nos jornais, nas revistas ou em programas de rádio e televisão, a necessidade de resposta a essas questões torna-se cada vez mais premente.

Além do mais, (...) proliferam os romances de ficção em que as origens cristãs e o seu desenvolvimento inicial desempenhem um papel essencial. São relatos que conseguem apresentar uma trama verosímil, (...) habilmente condimentada com uma acção trepidante.

Por estranho que pareça, o certo é que esta combinação resultou numa fórmula de grande êxito, inclusive do ponto de vista comercial, contribuindo para encher as prateleiras das livrarias de inúmeras obras curiosas.

No entanto, entre este tipo de literatura de ocasião e a recepção acrítica de informações pseudocientíficas, criou-se um ambiente de desconfiança e de suspeita em relação à tradição recebida que não faz jus ao passado. A linha que separa a ficção da realidade dilui-se e generalizaram-se as afirmações que nada têm a ver com a verdade histórica (...). [Juan Chapa, 50 Perguntas Sobre Jesus, Edições Paulinas, 2006]

† †

Jesus de Nazaré existiu realmente? Jesus Cristo ressuscitou dos mortos? A Bíblia é uma «biblioteca» sagrada e devidamente organizada? Os Apóstolos foram testemunhas presenciais de acontecimentos extraordinários que divulgaram de boa-fé e com fé? A Igreja é uma instituição de bem? Ou tudo não passa, afinal, do seu contrário?

O que se sabe realmente sobre Jesus?

Até ao século XVIII, tempo em que a Maçonaria, iluminada pelo Grande Arquitecto do Universo (GADU), se “arvorou” dona do conhecimento gnóstico e questionou a veracidade histórica dos Evangelhos, sobre Jesus conhecia-se tudo o que a fé não questionava.

Depois, o extremismo jacobino saído da Revolução Francesa e o laicismo marxista enveredaram pela interpretação oposta, ou seja, perguntava-se não só o que se sabia sobre Jesus de Nazaré como, inclusive, quem Ele era! Ao ponto de o protestante alemão Rudolf Bultmann, secundado por mais uns quantos, ter afirmado num ensaio de 1926 que sobre Jesus “*não podemos saber quase nada*”.

Daí até a sua existência ser questionada foi um passo, enfatizando-se que as fontes eram exclusivamente cristãs, ou seja, tendenciosas, os Evangelhos não foram escritos pelos evangelistas e o seu conteúdo original foi manipulado ao longo dos tempos e à medida das conveniências da Igreja, com especial incidência no tempo dos Padres da Igreja². Logo, nada se podia saber com verdade e rigor histórico sobre Jesus de Nazaré. E, a ter realmente existido, o nazareno não passaria disso mesmo, de um homem indigente que morreu ignorado numa cruz, nas vésperas da Páscoa judaica, para não incomodar as festividades. Depois, bem, depois alguém terá inventado e influenciado!

Mas uma leitura mais atenta aos Evangelhos Canónicos, às Epístolas de São Paulo e aos escritos não cristãos contemporâneos de Jesus à luz da evolução das ferramentas de análise histórica, a par dos avanços arqueológicos, obrigou os delatores a repensar as teses. Tornou-se difícil sustentar que uma doutrina, uma religião e uma crença possam ter sofrido uma tal expressão e expansão em todo o mundo sem por detrás se encontrar uma figura real como Jesus. Não se podendo anular a historicidade de Jesus, desacreditar a sua divindade tornou-se o óbvio, emprestando um crédito renovado à corrente ariana³ e, por acréscimo, impôs-se denegrir a Igreja, o cristianismo e os respectivos servos.

José Rodrigues dos Santos (JRS) produziu *O Último Segredo* recorrendo à fórmula Dan Brown, ou seja, adoptou o modelo Igreja Católica e o Vaticano como pano de fundo e traçou duas histórias paralelas que convergem na parte final para deslindar o *suspense* em que o leitor se envolve. Mas, ao contrário de Dan Brown, que no seu “código” acorda de um sonho da trama

² Dando seguimento geracional à pregação e ensinamentos dos Apóstolos, os Padres da Igreja são teólogos dos Cristianismo nascente (séculos I-VI), isto é, interpretaram as Sagradas Escrituras, registaram a tradição cristã e distinguiram a autenticidade dos escritos apostólicos originais dos textos gnósticos tardios, que consideraram heréticos. As suas erudições originaram a Patrística e são assumidos sem reservas pelas Igrejas Católica e Ortodoxa, distinguindo-se nos primeiros anos pós Apóstolos os seguintes: Clemente de Roma (2ª metade do século I), privou com alguns dos discípulos de Jesus e redigiu as primeiras epístolas pós Novo Testamento; Inácio de Antioquia (C. 35-110) mártir e discípulo de São João, escreveu um conjunto de cartas que versam a unidade da Igreja e a sua catolicidade, o primado papal, a mariologia e os sacramentos; Policarpo de Esmirna (69-155) conheceu São João, primou pela unidade da Igreja e o primado papal e foi martirizado; Irineu de Lyon (130-202), foi discípulo de Policarpo de Esmirna (que foi seguidor do apóstolo São João) e combateu as heresias garantindo a veracidade e unicidade canónica dos quatro evangelhos; Clemente de Alexandria (150-215) interpretou alegoricamente o Antigo e o Novo Testamento e foi um acérrimo defensor da sua tradição.

³ Corrente suscitada por Arius, presbítero de Alexandria (256-336), que defendia que Jesus era a primeira e a maior das excelsas criaturas, mas não era Deus, ou seja, Jesus era filho de Deus, mas não era o próprio. No primeiro Concílio de Niceia as teses de Arius foram contrariadas por Atanásio de Alexandria e a corrente ariana taxada de herética. Arianismo ...

em volta de Jesus, Maria Madalena, da Vinci ou o Priorado de Sião, isto é, inteligentemente não se compromete com o enredo que “inventou”, JRS no seu “último segredo”, vinca as suas certezas em torno das misérias humanas que identificou em Jesus de Nazaré, na fraude espiritual apresentada na Bíblia e em torno da instituição perniciosa que é a Igreja Católica.

Porque nos permitimos dizer que o autor pretendeu impor certezas quando o livro apresenta na capa a palavra *Romance*? Porque anuncia previamente que “*todas as informações históricas e científicas incluídas neste romance são verdadeiras*”! E sobre a excelência do romance na contra-capa está citado “*Melhor do que Dan Brown*” (editora holandesa).

Verdadeiras? Melhor? O resultado de *O Último Segredo* é uma mão cheia de nada (romance literário) e outra de coisa nenhuma (conteúdo científico). E, por isso, contrariamente ao romance *O Código da Vinci* de Dan Brown [Bertrand, 2004], não haverá um segredo do Último Segredo ou um Último Segredo descodificado. Não há segredos revelados ou a desvelar quando se colocam pequenas dúvidas históricas de conhecimento comum relativas à vida de um Homem que viveu há 2.000 anos misturadas com dogmas de fé que inspiram mais de 2.000 000.000 de seres humanos à face da terra.

Muito menos quando a mostra está devidamente temperado com factos truncados e conteúdos bibliográficos manipulados através de uma forma literária sofrível. Portanto, o livro passou à margem da opinião, pela simples razão que não é um romance e não representa um trabalho de investigação científica.

Sobre o romance (intriga, suspense, conspiração) o enigma torna-se demasiado previsível: **i)** a história começa no Vaticano com um assassinato, desenvolve-se numa teia misteriosa de cariz religioso, onde as mortes vão ocorrendo um pouco por tudo que é país, e acaba em Jerusalém com o fim do mistério da fé cristã; **ii)** o herói da “fita” é o português Tomás Noronha, um historiador (sabe-se lá de quê e porquê) versado de tal ordem nas coisas da Bíblia que conhece com minúcia e de cor e salteado cada um dos 46 livros do Antigo Testamento (AT) e os 27 do Novo (NT), tem permanentemente uma Bíblia consigo (na pasta, bolso ou gaveta de hotel), sendo capaz de abrir o Livro na página certa num ‘piscar de olhos’ e de citar de cor um qualquer versículo (ou) em qualquer circunstância, dizendo o que lhe interessa e omitindo o que lhe convém; **iii)** existe uma linda mulher italiana que é polícia (incompetente e influenciável pelo estilo eloquente do luso historiador) e católica devota (uma ignorante que não conhece nada de nada sobre os dogmas da fé que a inspira!); **iv)** um judeu israelita (um *sicari* pós moderno) que, claro, é o conspirador desprovido de escrúpulos que tem às suas ordens um esbirro frio e calculista; **v)** um cientista envolvido em projectos tão mirabolantes que pretende a clonagem de Jesus!

O livro é um desgaste desalentado, pois o autor comete vários erros:

- Misturou romance histórico-policial com factos manipulados que apresenta historicamente como verdadeiros, referindo que “*todas as citações de fontes religiosas e todas as informações históricas e científicas incluídas neste romance são verdadeiras*”! Iremos a este deplorável ponto, apesar do Padre José Tolentino de Mendonça ter explicado, com saber de mestre, esta questão em «Nota Pastoral» sobre o assunto;

- Enveredou pelo domínio da fé e rebate (ou pensa rebater) de uma assentada todo o Credo Cristão (a existência de Deus; a divindade de Jesus Cristo, Filho unigénito de Deus; o Espírito Santo; os alicerces da Santa Igreja). Convenhamos que é obra, principalmente para quem não tem as ferramentas adequadas, os conhecimentos de mester necessários e a independência de espírito exigíveis para trabalhar um canteiro dessa natureza e dimensão;

- Apresenta num ‘sopro’ de 563 páginas não um, mas vários últimos segredos: **i)** a Bíblia está pejada de erros e é uma fraude; **ii)** os Livros do NT não foram escritos pelos autores (Evangelistas, São Paulo e Apóstolos) e foram teologicamente orientados em fase posterior; **iii)** a Bíblia assenta em fontes exclusivamente cristãs; **iv)** o NT apoia-se nas crenças do AT para o materializar através de Jesus; **v)** Jesus não nasceu em Belém, mas na Nazaré; **vi)** Maria, mãe de Jesus, não concebeu sem pecado, era uma madonna mãe de uma prole numerosa; **vii)** Jesus não é filho de Deus e é apresentado como um subalterno de João Baptista; **viii)** Jesus não era cristão mas um judeu ortodoxo intolerante e manipulador, que defraudou seguidores e crentes ao anunciar um Reino dos Céus inexistente e que, pasme-se, discriminava as pessoas; **ix)** os milagres de Jesus não existiram, sendo comparado aos curandeiros das feiras; **x)** a Ressurreição e a divindade de Jesus são uma fraude; **xi)** a Santíssima Trindade é a mais bizarra das invenções do Cristianismo; **xii)** o Pai-Nosso é uma charada desencontrada entre Deus e o belzebu, o Céu e a Terra; **xiii)** Jesus está sepulto no sepulcro de Talpiot, junto com Maria e José (pais), Maria Madalena (esposa), Judas (filho) e Tiago (irmão); **xiv)** a Igreja Católica é uma instituição perniciosa que nos formata negativamente há dois mil anos.

- Depreciou figuras centrais da cristandade com linguagem repreensível.

O resultado só podia ser sofrível, constatação que devia merecer um ponto de reflexão a JRS. Queixa-se que lhe desmontaram o repreensível modelo de análise científico subjacente ao livro e não lhe contrariaram o conteúdo das suas afirmações. Pudera, quem apresenta vários segredos que o não são insertos num último segredo que não se percebe qual é, revela tamanha ligeireza intelectual que, enfim....

† †

Mas o que se pode saber, afinal, sobre Jesus? Muito.

Seguindo E. P. Sanders [*A verdadeira História de Jesus*, Casa das Letras, 2004, pp. 120-122] um académico de referência e autor adoptado por José Rodrigues dos Santos (que o plagia no que

interessa e omite quando convém), Jesus nasceu no final do reinado de Herodes o “Grande” (7 aC – 4 aC) e passou a infância e a juventude na Nazaré (Galileia) junto dos pais, José e Maria, uma família estruturada que lhe concedeu uma educação, em que a espiritualidade assumiu um ponto importante, e uma formação de mester (carpinteiro) adequada ao contexto social. Já adulto foi baptizado por João Baptista no rio Jordão e iniciou a sua vida pública. Depois, reuniu discípulos à sua volta (os doze) e passou a ser acompanhado por um conjunto alargado de pessoas, que incluía muitas mulheres. Pregou nas localidades da região da Galileia, fez um sem número de milagres e anunciou o “Reino de Deus”. Por volta do ano 30 foi a Jerusalém para a festa da Páscoa judaica. Aí foi aclamado como “Messias” e causou distúrbios no recinto do templo, expulsando os vendilhões. Tomou a “Última Ceia” com os discípulos (5ª feira) e, nessa mesma noite, foi preso por ordem do sumo-sacerdote, José Caifás, que o interrogou no Sinédrio. Acusado de blasfémia por se assumir como “Filho de Deus” e identificado como um perigoso perturbador da ordem sócio-religiosa vigente, foi entregue ao prefeito romano Pôncio Pilatos com indicações para ser executado. Incriminado por se intitular “Rei dos Judeus”, foi crucificado no Gólgota, na manhã de 6.ª feira.

JRS termina convenientemente a descrição nesta parte (p. 256) sobre a qual, aliás, é mais conciso. E por que razão Tomás Noronha (alter ego de JRS) ignora a descrição complementar de E. P. Sanders quando explica à inspectora italiana Valentina Ferro o que verdadeiramente se sabe sobre Jesus? De facto, o historiador continua aquilo *O Último Segredo* omite propositadamente: *“podemos acrescentar aqui uma pequena lista de factos igualmente seguros sobre os acontecimentos que se seguiram à sua morte: os seus discípulos começaram por fugir; viram-no (não se sabe, em que sentido, ao certo) após a sua morte; por consequência, acreditaram que ele voltaria para instaurar o Reino; criaram uma comunidade para aguardar o seu regresso e procuraram persuadir os outros a acreditar nele como Messias enviado por Deus”* (pp. 25-26).

E. P. Sanders informa ainda que estabelecer todos estes factos como historicamente comprovados, que podem ser desenvolvidos, relativamente a um personagem de há 20 séculos é de grande monta.

Deitemos um breve olhar às fontes existentes sobre Jesus de Nazaré.

Fontes Cristãs

Fonte Q: Mais antiga base documental (c. 50 dC), é uma recolha de palavras de Jesus, escrita a partir da fé n’Ele, como ungido pelo Espírito e que leva a boa nova aos pobres, e como Filho de Deus, ressuscitado de entre os mortos. Largamente utilizado por Mateus e Lucas nos respectivos Evangelhos, o interesse da fonte Q consiste em apresentar a figura de Jesus como mestre da sabedoria que promove um determinado estilo de vida e como profeta rejeitado que anuncia a presença activa, presente e futura de Deus na história humana. A fonte Q não

menção a actividade evangélica de Jesus, nem se ocupa da sua morte e ressurreição, não constituindo, portanto, um relato biográfico de Jesus, mas uma coletânea dos seus ensinamentos mais marcantes, que os discípulos divulgaram oralmente. A fonte Q, de inegável importância histórica, representa uma memória escrita de Jesus.

Epístolas de São Paulo: São Paulo é uma das personagens mais fascinantes, importantes e complexas da História da Igreja: nasce Saulo e tornou-se Paulo (Paulus, o pequenino); foi um zeloso e implacável defensor da Lei Judaica e transformou-se no Apóstolo Cristão evangelizador dos gentios; perseguiu os cristãos e acabou perseguido pelos fariseus (Judeia); assumiu cidadania romana e foi acusado e morto pelos romanos; martirizou e acabou martirizado (Roma).

Em Paulo emergem três momentos marcantes da sua vida: o implacável perseguidor de cristãos; a visão de Jesus e a conversão a Cristo a caminho de Damasco; as incansáveis viagens (percorreu cerca de 7.800km por terra e 9.000km por mar, entre o Próximo e o Médio Oriente, Península Itálica e Balcânica, mar Mediterrâneo ...) e as cartas escritas às comunidades pagãs. Acontecimentos que fazem dele o primeiro evangelizador, divulgador e catequizador do Cristianismo. Da conversão de São Paulo é possível extrair uma mensagem de Jesus de longo alcance: que todo o homem, apesar da abastança no ter, intolerância no ser, presunção no saber e ferocidade no querer, é passível de transformação e encaminhamento para uma via humanitária, de fé e de boa aventura.

Curiosamente, JRS quase não toca na conversão de Paulo em Damasco, ignora exemplarmente a sua cidadania romana e a decapitação na capital do império, no tempo de Nero. Um homem religioso e abastado com cidadania romana que persegue cristãos até ser convertido, tornando-se um proscrito que “cavalga” a Fé em Cristo e a expande até ao martírio não encaixa, obviamente, num dos muitos últimos segredos de JRS.

Preocupa-o mais, claro está, a presunção de e-mails de autoria duvidosa. Lembro que a carta é um género de comunicação, e mesmo de expressão, bem atestada na antiguidade, seja a nível político, comercial ou religioso. No caso concreto das cartas atribuídas a Paulo, encerram uma mensagem destinada a ser divulgada, com carácter de evangelização junto de um público longínquo de várias comunidades, cristãs e pagãs.

É possível que Paulo seja autor directo de metade das cartas escritas (do conhecimento comum), sendo as restantes imputáveis a discípulos e/ou utilizadas como pseudónimos. Isso, por si só, indicia veracidade duvidosa do conteúdo ou fraude ao nível da intenção apregoada?

Que figura milenar tem, como Jesus, um homem que escreve profusa e com enorme conteúdo um considerável conjunto de textos apenas 15-20 anos após o seu desaparecimento físico?

Evangelhos Canônicos: Ponto prévio de JRS: nenhum dos quatro evangelistas o é; “aquilo” que foi escrito nos Evangelhos foi teologicamente orientado; a escrita evolui desde o estereótipo de simples homem que foi Jesus (Evangelho de Marcos) até ao Jesus-Deus (Evangelho de João). Julgo não ser necessário alongar-me sobre esta matéria, tão do senso e conhecimento comum. Mas relembro alguns pontos úteis.

Até prova em contrário, os Evangelhos foram escritos por esta ordem:

+ São Marcos (escrito cerca de 65-70 dC, após martírio de Pedro e Paulo em Roma) é fonte primária do Cristianismo, discorrendo o seu Evangelho desde o início da pregação de João Baptista até às aparições de Jesus ressuscitado. Marcos terá conhecido pessoalmente Jesus e acompanhou Pedro, de quem recolheu o testemunho que brota o 2º Evangelho Bíblico. O Jesus apresentado em Marcos é simples homem como pretende JRS? Cito as primeiras palavras do Evangelho: “*Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus*”. Marcos foi martirizado em Alexandria.

+ São Mateus (Evangelho escrito em momento posterior ao de Marcos, no qual se apoiou) foi um dos doze de Jesus, isto é, “analfabeto e *cego como labrego*” nas palavras de JRS. Não obstante, era publicano quando Jesus o motivou à conversão e o escolheu para Apóstolo, que é como diz, colaborava com o ocupante romano enquanto cobrador de impostos, o que indicia que não seria assim tão cego e muito menos analfabeto. Pelo menos contar devia saber. O grande destaque deste Evangelho são os pormenores existentes sobre o nascimento e a infância de Jesus. Morreu mártir.

+ São Lucas (3.º evangelho a ser escrito, depois da queda de Jerusalém no ano 70). Natural de Antioquia da Síria, médico e pagão, converteu-se à fé de Cristo e acompanhou São Paulo em algumas das viagens, de onde recolheu muita da informação que, a par da fonte Q e Marcos, lhe permitiu escrever não só o Evangelho (ampliando e emprestando um conteúdo mais histórico-literário ao de Mateus) mas também o Acto dos Apóstolos. Morreu mártir na Bitínia.

+ São João, o Apóstolo mais novo (que não teria mais de 16-17 anos aquando da Morte e Ressurreição de Jesus Cristo), apresenta um Evangelho sem dúvida mais crístico que os demais e sendo, este sim, questionável quanto à sua autoria, apesar de o contraditório não apresentar substância histórico-documental. João morreu mártir perto do final do século I.

O Último Segredo apresenta os Evangelhos Canônicos como fraude, acrescentando que o NT se limita propositadamente a dar seguimento ao AT de forma a apresentar Jesus como o Messias. Esta extrapolação é retirada de E. P. Sanders. Mas, como é recorrente em JRS, as considerações subsequentes fundamentadas pelo historiador são ignoradas. E não é por acaso, pois E. P. Sanders, que não é figura eclesiástica, refere que “os *Evangelhos estão cheios de ecos da Escritura Judaica* [primeiros cinco Livros do Antigo Testamento] *mas, apesar disso,*

ninguém confundiria o Jesus dos Evangelhos nem com Moisés, nem com David. Apesar de a história de Jesus apresentar uma série de paralelos com as histórias sobre Moisés também existem diferenças evidentes. Jesus não trouxe tábuas de pedra da montanha; não casou⁴, como Moisés; não contou com o apoio do seu irmão, como Moisés com o de Aarão; não viveu 120 anos; não morreu sozinho. Os Evangelhos também afirmam a existência de uma ligação entre Jesus e David, mas não apresentam Jesus como David. Não existem paralelos reais: não existem equivalentes para Saul, Jonatan, Betsabé ou Absalão; e Jesus também não é um grande guerreiro”.

Portanto, e continuando a citar Sanders, “(...) os autores dos Evangelhos situam a história de Jesus no contexto da história da salvação judaica, utilizam motivos da Escritura, sobretudo motivos relacionados com Abraão, Moisés e David, mas não modelam o seu próprio Messias à luz destes personagens bíblicos. É óbvio que se conservou algo do Jesus verdadeiro e os autores introduziram também os seus ideais. Eles pensavam que Jesus tinha ultrapassado Moisés e que era um tipo de rei completamente diferente de David. Por isso, Jesus não representa nenhuma reprodução «em papelão» de Moisés ou de David. Também não existem quaisquer indícios seguros que nos digam quando uma passagem nos Evangelhos foi inventada como um paralelo com uma fase anterior da história da salvação, quando uma passagem foi trabalhada para poder servir realmente como um paralelo e quando o próprio Jesus” [pp. 122-125].

Evangelhos Gnósticos: Em fase posterior (a partir do século II) surgiram os evangelhos gnósticos (ou apócrifos). São escritos tardios religioso-filosóficos especulativos de pequenos grupos como os simonianos, nicolaítas, ofitas, naassenos, setitas, peratas, valentinianos e outros, que a Igreja Romana refutou. Estes escritos gnósticos não colocam em causa o Jesus histórico

⁴ Para não fugir aos costumes, também José Rodrigues dos Santos avança com a versão Maria Madalena enquanto companheira de Jesus de Nazaré. A tese, muito em voga e indocumentada, surge no apócrifo de Filipe e é descrita em vários livros recentes, plasmada em duas obras «marcantes»: “*O Sangue de Cristo e o Santo Graal*”, de Michael Baiget, Richard Leigh e Henry Lincoln; “*O Segredo dos Templários. O Destino de Cristo*”, de Lynn Picknett e Clive Prince. O corolário das teses aí vertidas surgiu no romance de Dan Brown “*O Código Da Vinci*”.

Que preconiza a tese? Jesus e Maria Madalena, a pecadora «dos evangelhos canónicos» que Jesus resgatou do pecado, era discípula do Mestre e sua fiel companheira. Mantiveram uma relação amorosa, casaram⁴ e tiveram um filho. Quando Jesus foi crucificado, Maria Madalena temeu pela sua sorte e da do filho de ambos pelo que, com a ajuda de José de Arimateia, fugiu para o Sul de França (Languedoque). Aí, debaixo do maior secretismo, foi mantida, ao longo dos anos, a descendência de Jesus. Descendência que daria origem à Dinastia Franca Merovíngio (séculos VI-VIII).

Para estes ‘contadores de estórias’, a busca incessante do Santo Graal que, ano após ano, ao longo dos séculos, movimentou «aventureiros», e que se acreditava ser o cálice onde Jesus dividiu o vinho com os discípulos na Última Ceia, a taça onde José de Arimateia recolheu o Sangue de Cristo no momento da crucificação, parte da Cruz ou o Sudário, nada mais era, afinal que uma mulher ... Maria Madalena, a companheira de Jesus.

Este terá sido, por isso, o segredo mais bem guardado da História, cujo conhecimento geral deitaria por terra os alicerces da Igreja de Roma. Um segredo ciosamente guardado por uma organização secreta chamada «Priorado de Sião», que teve como grão-mestre homens como Leonardo da Vinci, Isaac Newton ou Jacques Cousteau.

Enquanto «cereja em cima do bolo», abre-se o mistério através da observação atenta do quadro de Leonardo da Vinci, «A Última Ceia». Que dizem que diz o quadro? Que a figura posicionada à direita de Jesus, com feições de graciosidade feminina, é Maria Madalena e não o apóstolo João. O contraste dos corpos e das roupas de Jesus e a figura em apreço é revelador! Enfim Não ocorreu ao autor que João era o «benjamim» dos Apóstolos, um jovem rapaz e, que assim, se destacava fisionomicamente dos restantes. E que a pintura é de finais do séc. XV e não coeva.

nem o Jesus Deus, ampliam-no, divididos em três categorias: **i)** alguns fragmentos escritos em papiro de conteúdo semelhante aos canônicos, como o *Evangelho de Pedro*, que narra a Paixão de Jesus; **ii)** os que foram conservados na íntegra, como o *Protoevangelho de Tiago* e o *Pseudo-Mateus* (narram com sentido piedoso certos factos acerca de Jesus, da virgem Maria e de São José), o *Pseudo-Tomás* (que fala da infância de Jesus e dos milagres que Ele fazia em criança) ou a *História de José, o Carpinteiro* (que tem na sua morte o tema principal); **iii)** os que apresentam doutrina considerada herética pelos Padres da Igreja nos séculos II-IV, destacando-se os treze códices da Biblioteca Nag-Hammadi, escritos em 330, enterrados em princípios do século V e descobertos em 1945. Destes, os mais polémicos são *O Evangelho de Maria (Madalena)*, *O Evangelho de Filipe*, e *O Evangelho de Judas*. No *Evangelho de Maria* fala-se da supremacia de Maria em relação aos apóstolos, enquanto favorita de Jesus, e da oposição que surgiu entre eles nos primeiros tempos do Cristianismo, particularmente com Pedro e André que não pretendiam ver uma mulher à frente dos destinos da Igreja. O aspecto a destacar no *Evangelho de Filipe* é a apresentação de Maria Madalena como companheira de Jesus, a quem amava mais que a qualquer outro discípulo.

Mas impõe-se a pergunta: porque havemos de dar mais crédito a estes textos escritos 200 ou 300 anos depois da morte e ressurreição de Cristo do que aos Evangelhos Canônicos, redigidos poucos anos volvidos os acontecimentos que descrevem? Porque, naturalmente, permite construir teorias da conspiração, enredos esotéricos e efabulações que são vendáveis. Fará sentido, historicamente, que se coloque em causa verdades apresentadas pelos Evangelhos Canônicos (contemporâneos dos acontecimentos e Luz Espiritual da Igreja nascente) substituindo-as pelos tardios conteúdos fabulados que pequenas seitas dispersas apregoaram?

Fontes não cristãs

O texto mais antigo onde se menciona Jesus foi escrito pelo filósofo estóico Mara bar Sarapion de Samosata (Síria), por volta de 73, que se lhe refere como “*sábio rei dos judeus*”, dele se diz que “*promulgou novas leis*” e que “*de nada serviu aos judeus matá-lo*”.

O judeu Flávio Josefo⁵ é o mais célebre em que, descontando os acrescentos dos copistas medievais que o apresentam como o Messias, refere nas *Antiguidades Judaicas*: “*por esse tempo, um homem sábio chamado Jesus destacou-se pela sua boa conduta, sendo conhecido pelas suas virtudes. Teve como discípulos muitas pessoas de entre os judeus e de outros povos. Pilatos condenou-o à morte por crucificação. Mas os que se tinham tornado seus discípulos não o abandonaram, contando que ele lhes apareceu, vivo, três dias depois da sua crucificação, e que por isso podia ser o Messias de quem os profetas tinham anunciado coisas maravilhosas*”.

⁵ Judeu e cidadão romano, historiou como testemunha ocular a revolta judaica contra a Roma de Vespasiano e a consequente destruição de Jerusalém no ano 70 através da obra *Guerra dos Judeus*, e conta a cisão judaica materializada com a corrente cristã com *Antiguidades Judaicas*.

No Talmude Judaico também se encontram inúmeras referências sobre Jesus, naturalmente pouco abonatórias, permitindo comparar alguns detalhes históricos: “*«yeshua (Jesus) praticou a feitiçaria e a sedução e conduziu Israel por mau caminho, defraudando as palavras dos sábios e comentando as Escrituras do mesmo modo que os fariseus. Disse que não tinha vindo para abolir nada na Lei nem para lhe acrescentar coisa alguma. Foi suspenso de uma cruz como falso mestre na véspera da Páscoa e os seus discípulos curavam doenças em seu nome»*”. São comentários negativos, mas suficientemente expressivos sobre um homem que existiu e pôs em causa o *satus quo* vigente.

Há ainda as fontes romanas do século II. Plínio, o Jovem (62-113 dC), governador da Bitínia, em carta ao imperador Trajano (10, 96), sobre o crescimento do cristianismo, escreve:

“Tenho por praxe, Senhor, consultar Vossa Majestade nas questões duvidosas. Nunca presenciei nenhum julgamento de cristãos. Por isso ignoro as penalidades e investigações costumeiras. Tenho muitas dúvidas a respeito de certas questões, tais como: estabelecem-se diferenças e distinções de acordo com a idade? Cabe o mesmo tratamento a enfermos e robustos? Aqueles que se retratam devem ser perdoados? A quem sempre foi cristão, compete gratificar quando deixa de sê-lo? Há-de punir-se o simples facto de alguém ser cristão, mesmo que inocente de qualquer crime, o exclusivamente os delitos praticados sob esse nome? Entretanto, eis o procedimento que adotei nos casos que me foram submetidos sob acusação de cristianismo. Aos incriminados pergunto se são cristãos. Na afirmativa, repito a pergunta segunda e terceira vez, ameaçando condená-los à pena capital. Se persistirem, condeno-os à morte. Não duvido que, seja qual for o crime que confessem, sua pertinácia e obstinação inflexíveis devem ser punidas. Tratando-se de cidadãos romanos, separo-os para enviá-los a Roma. Mas o que geralmente se dá é o seguinte: o simples fato de julgar essas causas confere enorme divulgação às acusações, de modo que meu tribunal está inundado com uma grande variedade de casos. Recebi uma lista anónima com muitos nomes. Os que negaram ser cristãos, considere-os merecedores de absolvição. De facto, sob minha pressão, devotaram-se aos deuses e reverenciaram com incenso e libações vossa imagem colocada, para este propósito, ao lado das estátuas dos deuses, e, pormenor particular, amaldiçoaram a Cristo, coisa que um genuíno cristão jamais aceita fazer. Outros inculpadados da lista anónima começaram declarando-se cristãos e, logo, negaram sê-lo, declarando ter professado esta religião durante algum tempo e renunciando a ela há três ou mais anos; alguns a tinham abandonado há mais de vinte anos. Todos veneraram vossa imagem e as estátuas dos deuses, amaldiçoando a Cristo. Foram unânimes em reconhecer que sua culpa se reduzia apenas a isso: em determinados dias, costumavam comer antes da alvorada e rezar hinos a Cristo, como a um deus; obrigavam-se por juramento não a algum crime, mas à abstenção de roubos, rapinas, adultérios, perjúrios e sonegação de depósitos reclamados pelos donos. Concluído este rito, costumavam distribuir e comer seu alimento. Este, aliás, era um alimento comum e inofensivo. Eles deixaram essas práticas depois do édito que promulguei, de conformidade com vossas instruções, proibindo as sociedades secretas. Creio que o assunto justifica minha consulta, mormente tendo em vista o grande número de vítimas em perigo. Muita

gente, de todas as idades e de ambos os sexos, corre o risco de ser denunciada e o mal não terá como parar. Esta superstição contagiou não apenas as cidades, mas as aldeias e até as estâncias rurais. Contudo, o mal ainda pode ser contido e vencido (...)”.

O historiador romano Tácito (56-117 dC) no tempo do imperador Nero escreve nos Anais (15, 44) o que se transcreve:

“Para destruir o boato [acusado de incendiar Roma], Nero supôs culpados e infligiu tormentos requintadíssimos àqueles cujas abominações os faziam detestar e a quem a multidão chamava cristãos. Este nome lhes vem de Cristo que, sob o principado de Tibério, o procurador Pôncio Pilatos entregara ao suplício. Reprimida incontinentemente, essa detestável superstição repontava de novo, não mais somente na Judeia, onde nascera o mal, mas anda em Roma (...)”.

Suetônio, em A Vida de Cláudio (5, 4), relata:

“Como os judeus, por instigação de Chrestus, estivessem constantemente provocando distúrbios, ele [Cláudio] os expulsou de Roma”. Contemporâneo de Plínio, o Jovem, também Suetônio se refere à perseguição feita aos cristãos no tempo de Nero, *“um grupo de pessoas dada a uma superstição nova e maléfica”*.

Penso que fica suficientemente elucidativo que as fontes que justificam Jesus Cristo abundam e não se cingem às cristãs. Já agora, os martírios dos apóstolos, evangelistas, padres, presbíteros, bispos, papas e cristãos em geral sofridos ao longo dos séculos são também invenções e eventualmente contos de fadas? Não parece, até porque são ignorados no livro.

† †

Chegados a este ponto, retomemos o princípio!

Onde e quando nasceu Jesus? Jesus nasceu em Belém ou em Nazaré?⁶ Segundo a tradição, nasceu em Belém no início da era cristã⁷. Mas Nazaré é plausível. No primeiro caso, um censo obrigou a uma deslocação de José e Maria de Nazaré a Belém (200 km), nascendo o Menino numa manjedoura. No segundo Jesus nasceu na terra onde José vivia.

Tomás de Noronha (JRS), bebendo na interpretação laico-marxista da centúria de novecentos, afirma sem hesitações à atónita inspectora que Jesus nasceu em Nazaré, sendo por isso chamado o Nazareno⁸ em todo o NT. E reforça a convicção remetendo para uma suposta

⁶ Ver a explicação teológica e científica da infância de Jesus no livro do Papa Bento XVI.

⁷ É incontestável, hoje em dia, que Jesus nasceu entre os anos 7-4 aC (final do reinado de Herodes), derivando a contradição de um erro de cálculo do monge Dionísio Exíguo (séc. VI), que ignorou o sistema de calendário pagão estabelecido pelo imperador Diocleciano e não definiu com exactidão a morte de Herodes (Mt 2), nem a do Censo de Quirino (Lc 2). Orientou-se, então, pela data de pregação de João Baptista, ou seja, no 15.º ano do imperador Tibério (Lc 3,1), correspondente ao ano 29 da nossa era, e o início da vida pública de Jesus aos 30 anos (Lc 3,23), um ano depois, definindo que João Baptista pregou durante um ano. Se Jesus tinha 30 anos no ano 30 dC, é porque, concluiu-se erradamente, nasceu no ano 1.

⁸ Como se tal “nomeada” quisesse significar o que se pretende.

Eu sempre me apresentei e sou identificado como transmontano, porque cresci, fui educado e estudei em Bragança. Mas na verdade nasci e fui baptizado em Penafiel, só indo para a terra dos meus pais quando tinha seis meses.

contradição entre o relato de Mateus e Lucas (Belém) e o de João (Nazaré)! E vai mais longe, sussurrando que os evangelistas forjaram a história do nascimento de Jesus em Belém em conformidade com a necessidade de irem ao encontro de uma das exigências da época: o Messias devia descender do rei David e nascer em Belém.

Vamos por partes. A tradição indica o nascimento do Menino em Belém. O que está em causa não é provar a veracidade histórica da tradição, mas o seu contrário. Algo que não é atingível. O nascimento em Belém está bem plasmado nos relatos de Mateus (Mt 2,1; cf 2,5.6.8.16) e Lucas (Lc 2,4.15), afirmando ambos sem reservas que Jesus nasceu em Belém, no tempo do rei Herodes.

João é mais subtil e indirecto, mas confirma-o: *“Então entre a multidão de pessoas que escutaram estas palavras, dizia-se: «Ele é realmente o profeta». Diziam outros: «É o Messias». Outros, porém, replicavam: «Mas pode lá ser que o Messias venha da Galileia?! Não diz a Escritura que o Messias vem da descendência de David e da cidade de Belém, donde era David?».* Deste modo estabeleceu-se um desacordo entre a multidão, por sua causa” (Jo, 7, 40-42).

JRS apoia-se neste versículo de João para demonstrar a tese do nascimento em Nazaré, o que é curioso quando o Evangelho de São João é apresentado no livro como uma das grandes efabulações do NT. Mas aqui o conteúdo é sujeito a conveniências. Só que isso equivale a não saber ler o 4º Evangelho. O Evangelho, espiritualmente delicioso e teologicamente coerente, é irónico e indirectamente convincente. Tal acontece, por exemplo, no episódio da samaritana, quando a mulher junto ao poço pergunta a Jesus: *“Porventura és mais que o nosso patriarca Jacob?”* (Jo 4, 12). João e os leitores a quem o Evangelho se dirige sabem que Jesus é o Messias e superior a Jacob, ou seja, a pergunta da samaritana é uma afirmação dessa superioridade. Outro momento acontece no “frente-a-frente” entre Jesus e Pilatos. Durante um curto interrogatório, a dada altura Pilatos pergunta a Jesus: *“«Logo, tu és rei!».* Respondeu-lhe Jesus: *«É como dizes: Eu sou rei!»”.*

A questão da natividade de Jesus em Belém ou em Nazaré no Evangelho de João vai no mesmo sentido. Os opositores de Jesus (os fariseus) querem colar Jesus a Nazaré enquanto forma de negar à partida a sua origem messiânica. Mas o evangelista sabe e os destinatários dos seus escritos também, que Jesus é o Messias, Aquele que vai ter de contar com a oposição de muitos, dos que não aceitam ou de quem simplesmente descrê.

A tradição oral e os textos indicam Belém. Para historiador, estas dúvidas são extremamente aliciantes; para um crente a questão não inquieta. Por isso dizia Fernando Pessoa *“o mito é o nada que é tudo”.*

Claro que é possível também perguntar se José era natural de Belém, terra de David, ou um carpinteiro da Nazaré? Possivelmente de Nazaré, mas nada desmonta que não seja originário de Belém. Faria sentido uma deslocação de José desde Nazaré a Belém com Maria em estado avançado de gravidez para cumprir um registo que podia ser efectuada na localidade de residência?

Quem estabeleceu este censo? O imperador Octávio César Augusto? Não é plausível, pois este determinou-o, para todo o império, em 6 dC; demasiado tarde, portanto. Quirino, governador da Síria (que abrangia a Judeia), que em nome de Augusto decretou um censo provincial para captação de impostos, em 6 dC? Improvável, pois nessa data o governador da Síria era Saturnino e Herodes era rei da Judeia. Assim, se foi Herodes que o determinou para a Judeia, que é o mais provável, José deslocou-se da Galileia, onde vivia, para sua terra natal, Belém da Judeia. Armand Puig [Jesus. Uma Biografia, Paulus, 2010], apresenta uma hipótese curiosa, mas compreensível para a deslocação de José a Belém, com Maria em estado avançado de gravidez: protege-la, no parto, de olhos e ouvidos recriminatórios dos galileus que podiam não aceitar uma concepção antes de Maria conhecer José. Conforme referiu o Papa Francisco na Homilia de início do pontificado na solenidade de São José (19 de Março), “*José assumiu a missão que Deus lhe confiou, ser guardião de Maria e de Jesus. Foi esposo e pai com discrição, com humildade, no silêncio, mas com uma presença constante e uma fidelidade total, mesmo quando não consegue entender*”.

José e Jesus descendem de Abraão⁹ e do rei David? De acordo com as Sagradas Escrituras sim: 14 gerações entre Abraão e David; 14 gerações entre David e o exílio na babilónia; 14 gerações entre o exílio na babilónia e Jesus. 7 é o número perfeito da Bíblia e 14 um duplo perfeito. É claro que a contagem de gerações é discutível e, historicamente, não há certezas

⁹ Um pequeno apontamento sobre Abraão. Judeus, Cristãos e Muçulmanos vêem-se como protagonistas da História Sagrada. Deus criou o mundo, expulsa Adão e Eva do paraíso, provoca o Dilúvio e ordena a Abraão que parta em missão. Para os Judeus, a bênção de Deus foi herdada através de Isaac, filho de Abraão e de Sara, e do filho daquele, Jacob. Para os muçulmanos, a missão de Abraão foi-lhes revelada através de Maomé, descendente de Ismael, filho de Abraão e de Agar (escrava que o Corão omite).

Assim, se na Epístola aos Romanos São Paulo escreveu sobre a “*fé do nosso pai Abraão*”; em São Lucas, a Virgem Maria diz que o Senhor “*acolheu a Israel seu servo (Jacob), lembrado da Sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre*”, no Alcorão Abraão é reconhecido como um dos profetas do Islão: “*Cremos em Deus e no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacob*”. O alcorão diz que Abraão é *Khalil* (seu amigo).

Para os Cristãos, Abraão personifica a necessidade e desejo da humanidade de ter uma relação com Deus mas, devido ao pecado original, o homem não pode entrar sozinho no Seu Reino. Jesus salva do pecado dos que vierem depois dele, mas também os que vieram antes, incluindo Abraão.

Para os Muçulmanos a submissão de Abraão a Deus é o pilar da fé muçulmana. O seu Livro Sagrado, o Alcorão, revelado no século VII ao profeta Maomé, é a solução divina para as distorções que surgiram a seguir aos primeiros profetas do Islão – Moisés e Jesus. Por isso, durante a *hajj* (a peregrinação anual islâmica de oração e piedade), em Meca, os muçulmanos circulam em torno da Caaba, o santuário que Deus mandou construir a Abraão (ou Ibrahim, como lhe chamam) e a seu filho Ismael.

Uma coisa é certa, Abraão é, provavelmente, a figura mais venerada, concretamente por metade da humanidade: mais de 2 000 milhões de cristãos, cerca de 1 300 milhões de muçulmanos e 15 milhões de judeus.

irrefutáveis. É-o há muitos anos e o assunto permanece em aberto, não se percebendo o gáudio da grande descoberta de JRS! Até porque, e convém ir repetindo este ponto, a Bíblia não é um Livro histórico-geográfico, nem os evangelistas tinham uma visão e conhecimento abrangentes do espaço limítrofe que encerrava a Terra de Israel.

Depois segue, para JRS, mais um último segredo bombástico: Maria e a família de Jesus. Refere o livro que “*Maria não concebeu Jesus sem pecado e era uma “madonna” mãe de uma prole numerosa*”.

Do domínio da fé, tal como refere o Credo, Jesus “*incarnou pelo Espírito Santo e no seio da Virgem Maria se fez Homem*”. Portanto, Maria concebeu sem pecado o seu filho primogénito, o que equivale a dizer que São José é o seu pai putativo (adoptivo), que o criou, educou e lhe ensinou um mester.

Quanto aos supostos irmãos e irmãs de Jesus, é um tema aliciante para historiador analisar, sem preconceitos, mas com rigor e honestidade intelectual [ver, p. ex., “*Maria. A Verdadeira História da Mãe de Jesus*”, de Jacques Duquese]. Os nomes Tiago, José, Judas, Simão e mulheres (não nomeadas) apresentados como irmãos de Jesus em Marcos (6, 3) e Mateus (13, 55-56) ou são seus primos ou parentes chegados, segundo Jerónimo de Strídon (347-420 dC), são meios-irmãos, filhos de anterior casamento de São José, de acordo com Epifânio de Salamina (310/320-403 dC), ou são filhos de Maria e José, como defendeu Helvídio (segunda metade século IV). Estas possibilidades foram debatidas no Concílio de Constantinopla (553) e de Latrão (649), prevalecendo canonicamente a primeira opinião.

Dos nomeados o mais interessante é Tiago, o “Justo” (que não é Tiago filho de Zebedeu – o Maior – nem Tiago, filho de Alfeu – o Menor), apresentando como “Irmão do Senhor” por São Paulo (Ga, 1, 18-19) e diferenciado nos Evangelhos e nos Actos dos apóstolos dos demais “irmãos” e discípulos de Jesus, com o mesmo sentido. O mesmo acontece no Evangelho gnóstico de Tomé e no pseudo-Mateus. E inclusive, em Flávio Josefo [Antiguidades Judaicas], que diz o seguinte: “*Anan (sumo sacerdote) reuniu o Sinédrio onde fez comparecer Tiago, irmão de Jesus, chamado o Cristo, e alguns outros, acusando-os de terem transgredido a Lei e fê-los lapidar*”¹⁰. Tiago “o Justo” liderou com Pedro a Igreja nascente, dentro dos pressupostos da Lei judaica, entrando em contradição com Paulo e a “evangelização dos gentios”¹¹. Esta dicotomia foi assaz complexa no Concílio de Jerusalém. A hipótese deste Tiago ser irmão de Jesus é verosímil. Que,

¹⁰ Mais uma vez, e em contexto diferente, Flávio Josefo, autor não cristão, refere-se a Jesus, chamado o Cristo.

¹¹ Tiago “o Justo” merece um estudo biográfico para apurar quem era, qual a sua efetiva relação com Jesus, a importância que teve nos primeiros tempos do Cristianismo, porque entrou em contradição com alguns apóstolos e porque teve de ser morto (também ele) pelas autoridades judaicas.

gesta afonsina contou também com o concurso de homens notáveis como o bispo João Peculiar (diplomata), São Teotónio (suporte espiritual), Egas Moniz (mestre educador), Fuas Roupinho e Gonçalo Mendes da Maia (guerreiros), entre outros.

Esta é, em síntese, a História fundamentada do homem e da sua obra.

Um homem pleno de convicções políticas, diplomaticamente inteligente e militarmente tenaz, que congregou vontades internas, vergou Leão à sua determinação, empurrou o poder almóada para os confins da terra transtagana e convenceu Roma das virtudes da sua acção. Uma obra que teve continuidade inimaginável séculos adentro e mundo fora através de herdeiros políticos, militares, missionários, comerciantes, poetas, cientistas, aventureiros ou simples portugueses. 900 anos depois Portugal persiste e sente-se plasmado nos quatro cantos do mundo. O Portugal do século XXI, que nasceu da ideia, fé e tenacidade de um homem, é hoje um País europeu, de matriz atlântica, fronteiro ao Mediterrâneo, com fortes afinidades culturais em três continentes através da Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique (África), do Brasil (América) e Timor-Leste (Ásia). Realmente, onde existe uma parcela territorial num qualquer ponto da “aldeia global” está um português.

E tudo começou num cantinho peninsular, num espaço que ia do rio Minho ao Mondego. Podia ter sido na Galileia, foi no entre Douro e Minho. D. Afonso Henriques é o primeiro português que aprendemos a conhecer e a admirar desde os bancos da escola. É o Pai da Pátria e o maior português de todos os tempos. Mas, além da sua obra fenomenal e do seu legado fantástico que o rigor histórico sustenta, o que se sabe verdadeiramente sobre o Homem?

Desde logo, onde e quando nasceu? Comprovadamente não se sabe. A tradição e a maioria dos autores, com destaque para Moura da Fonte, diz-nos que nasceu em Guimarães, entre 1109 e 1112. O historiador Armando de Almeida Fernandes refere veementemente que nasceu em Viseu em Agosto de 1109. Torcato de Sousa Soares, por sua vez, aponta Coimbra. Mas também há referência a Lamego e até à Galiza. O facto é que a cidade de Guimarães aponta orgulhosamente “Aqui nasceu Portugal” e a tradição ainda é o que é, à míngua de dados documentais irrefutáveis que o desmintam.

E quem foi, verdadeiramente, o pai de D. Afonso Henriques? A resposta é óbvia: o conde D. Henrique. Será? Em Cárquere (Resende) defendem que não. O enfermo filho de D. Henrique terá morrido quando bebé e aquele que o aio Egas Moniz educou como príncipe era, afinal, o seu próprio filho, feito Afonso, o filho putativo de Henrique. Ou será, conforme outra tradição, que o enfermo Afonso Henriques foi curado das maleitas na igreja de Cárquere por intersecção da Virgem Maria?

Uma coisa parece certa: D. Afonso Henriques era um homem robusto e enérgico que morreu septuagenário apesar dos muitos trabalhos e cansaças que a vida lhe proporcionou, numa época em que a esperança média de vida rondava os 40 anos.

E Ourique, a mãe de todas as batalhas do primeiro rei de Portugal, ocorreu em que local? Ourique do Alentejo (a mais aceite, mas contestada), Ourique perto de Leiria, Ourique próximo de Vila Chã do Cartaxo ou Ourique em Lisboa? Não é possível afirmá-lo sem reservas. Mas a batalha travou-se, o rei venceu um importante dispositivo militar mourisco, foi vitorioso pelos seus pares e, de seguida, aclamado como rei portugalense. A verdade é que não há fontes documentais que refiram de que Ourique falamos, a não ser que a refrega ocorreu num local com esse nome e que a vitória foi estrondosa. Do que não restam dúvidas é da existência de documentos reportados a 1139 (ano da batalha) que o apontam como *Rex*.

D. Afonso Henriques era temido pelos almorávidas ou tudo não passa de um mito? Textos mouros do século XII (trazidos a público pelo historiador David Lopes, em 1940) tacham-no de “*maldito galego, o pérfido de Deus*”, o que nos diz muito relativamente a este contexto.

Apesar de não haver actas do Tratado de Zamora de 1143, o encontro entre Afonso VII de Leão e Afonso I de Portugal teve lugar e aquele cedeu o passo a este, isto é, reconheceu-lhe a realeza. O mesmo aconteceu mais tarde, em 1179, com o Papa Alexandre III que, finalmente, reconhece a distinção de Portucale relativamente a Leão, através da Bula *Manifestis Probatum*.

Impõe-se, então, a questão: porque sabemos tanto sobre a generalidade dos feitos afonsinos e tão pouco (ou quase nada) sobre pormenores da sua vida como as origens, o aspecto físico e a matriz psicológica do homem, a especificidade de determinados locais, datas ou contactos pessoais? Porque, e cito a obra magistral *D. Afonso Henriques* (a única com rigor histórico sobre o personagem) do historiador José Mattoso, “*não é preciso ser historiador profissional para perceber que não se pode traçar a biografia de uma personagem medieval sem uma grande dose de imaginação. Os dados documentais são quase sempre escassos e fragmentários*”, prevalecendo a transmissão oral daqueles que viveram os acontecimentos ou com eles contactaram. Realmente, exceptuando os «*Anais de D. Afonso, Rei dos Portugueses*», redigido pouco depois da morte do monarca, as outras foram escritas a partir do princípio do século XIV, no século XV, no XVI e XVII, ou seja, decorridos largas dezenas ou centenas de anos da ocorrência dos factos.

Se isto é verdade relativamente a um protagonista que viveu no século XII, sobre quem, apesar de tudo, alguma coisa de consistente se sabe, que dizer quando pretendemos abordar figuras notáveis, mas muito mais recuadas no tempo como o escritor Homero (entre os séc IX-VII a.C.), o filósofo espiritual Confúcio (séc VI-V a.C.), o comandante militar Alexandre da Macedónia (Séc IV a.C.) ou o matemático Arquimedes? E, no entanto, a História identifica-os e

as biografias distinguem-nos, apesar de baseados em fontes muito tardias relativamente à época em que viveram, a rondar duas-três centúrias. Também aqui, as fontes principais foram a transmissão oral, uma verdade ainda mais evidente quando, por exemplo, falamos do filósofo grego Sócrates, homem sábio, mas que, como Jesus, não escreveu uma linha com o seu punho, sendo a sua obra perpetuada por discípulos como Platão e discípulos de discípulos como Aristóteles. Tal como aconteceu com os ensinamentos de Jesus de Nazaré.

Jesus viveu depois das figuras históricas referidas e 12 séculos antes de D. Afonso Henriques e, não obstante, sabe-se mais, muito mais, que qualquer um dos personagens referidos, através da abundância de fontes já explanadas.

Jesus é a figura sobre quem mais se escreveu ... e continua a escrever.

† †

Outro episódio delicioso do livro (mais um último segredo!) centra-se na relação de Jesus de Nazaré com João Baptista. Define o livro que “*ao contrário de João Baptista, Jesus não era austero, gostava da pingoleta, era um valente garfo e era um homem colérico, que se irritava com frequência*”. Acrescenta ainda que “*Jesus era subordinado de João Baptista*”.

João e Jesus são, por um lado, diferentes e, por outro, complementares. O primeiro dá seguimento ao segundo.

Consagrado desde o nascimento, João cresceu em Ain-Karim, sua terra natal, e robusteceu em espírito. Obedecendo a chamamento divino, deixou a família e tornou-se um pregador no deserto, um homem de cabelos compridos, barba hirsuta, voz vibrante e olhos de fogo. Habitava cavernas, vestia uma túnica de pele de camelo e alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. Passou muitos anos no deserto, meditando nas verdades ensinadas por Deus, rezando e fazendo penitência.

Depois, no 15.º ano do reinado do imperador Tibério (28 dC), iniciou a sua vida pública. Deixou o deserto e foi pregar para as margens do rio Jordão. A quantos o ouviam proclamava: «arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo». Como preliminar simbólico do arrependimento, prescrevia a purificação física dos pecadores nas águas do Jordão. Mas a purificação do corpo não era suficiente, importava a salvação da alma. Baptizava os arrependidos e os dispostos a mudar de vida. Deste facto lhe veio o nome de João Baptista, ou seja, João o que baptizava. Quando as multidões lhe perguntavam o que deveriam fazer para mostrar arrependimento, João respondia: «*quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem nenhuma; quem tiver alimentos faça do mesmo modo. Não roubeis, não acuseis injustamente e contentai-vos com o que vos é dado*». O profeta da salvação não conhecia fórmula mágica para o pecador, a não ser a completa renúncia ao pecado. Negava-se a baptizar aqueles que não purgassem os

corações da arrogância e da cobiça. João Baptista arrastava multidões e a sua aura de santidade arrastou-se por toda a Galileia; as pessoas submetiam-se aos seus ensinamentos e praticavam os seus «mandamentos».

Portanto, João era austero, de pregação convincente e boa pessoa, a quem muitos recorriam e se entusiasmavam ao escutá-lo, como assinala Flávio Josefo. Entretanto, Herodes Antipas prendeu João, porque este criticava em público o seu comportamento adúltero com Herodíade e porque receava que a sua pregação fomentasse uma insurreição. O Baptista acabou por ser decapitado.

Jesus foi baptizado por João no rio Jordão, acompanhou-o e elogiou a sua figura, a sua mensagem e a sua missão profética. Com a morte de João ficou entregue a si, iniciando o Seu magistério público. Mas enquanto João tinha pregado fora das povoações, Jesus andava de localidade em localidade, pregando, a maior parte das vezes, na Sinagoga ao Sábado. Ao contrário de João Baptista, Jesus não só pregava como curava os doentes. Ganhou fama e as pessoas insistiam em vê-Lo. Foi obrigado, também ele, a pregar ao ar livre.

Jesus era diferente de João na forma e no conteúdo. É certo que exigiu a renúncia total aos seus discípulos, mas apresenta-se como alguém muito paciente com as fraquezas e dúvidas dos seus seguidores. Refere E. P. Sanders que *“a característica do ministério de Jesus era a compaixão e não o juízo. As pessoas deveriam ser perfeitas, mas Deus era clemente – e Jesus, que actuava em seu nome, também”* (omissão de JRS).

Jesus era perfeccionista, mas não viveu uma vida austera, pelo menos não ao nível da de João Baptista. Foi nesse contexto que Jesus citou os seus críticos [e não da forma despudorada e truncada como JRS o faz no livro], referindo ele próprio *“veio João, que não comia nem bebia, e diziam dele: «Está possesso!».* *Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: «aí está um glutão e bebedor de vinho, amigo de cobradores de impostos e pecadores!»*” (Mt 11,18 e segs / Lc 7, 33 e segs). A eterna actualidade do provérbio “ser preso por ter cão e não o ter”.

Chamar pecadores, conviver com eles e não jejuar são as críticas mais mordazes que fazem a Jesus, a começar nos fariseus. Procurar a companhia dos indigentes e malfeitores da sociedade é um dos aspectos mais interessantes do Seu ministério. O que não espanta, se tivermos em conta que *“Jesus preferia o encorajamento à censura; ele não julgava; era compassivo e clemente; não era puritano, mas alegre e festivo. Contudo, também era um perfeccionista. (...) É obvio que Jesus esperava que os seus ouvintes tivessem um comportamento (...) honesto e justo, mas o espectro principal da perfeição humana semelhante à perfeição divina era a misericórdia. Ele mostrou-o sendo manso e amoroso para com os outros, incluindo os pecadores”* (E. P. Sanders).

O episódio da «Mulher Adúltera» é assaz elucidativo sobre a postura de Jesus relativamente ao pecado e aos pecadores, que diferenciava, ou seja, Jesus não transigia com o

pecado, mas concedia a salvação ao pecador: “*quem de entre vós estiver sem pecado que atire a primeira pedra (...); vai e não tornes a pecar*” (Jo, 8,1-11).

Não obstante o que acabámos de enunciar, *O Último Segredo* arremessa que Jesus era intolerante e colérico, o que é extraordinário quando o NT, centrado na pregação de Jesus, anuncia a Salvação Eterna através da mensagem “*Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos*” (Mt 22, 34-40; Mc 12, 28-34; Lc 10, 25-28; Jo 13, 33-35).

Não satisfeito, *O Último Segredo* invoca ainda que Jesus nada inovou e apresenta-o como uma fraude para os judeus em geral, que esperavam o Messias, e para os apóstolos e demais seguidores em particular, que viram o novo Reino esfumar-se numa cruz no Gólgota.

O texto, em forma de monólogo, coloca o infatigável historiador Tomás Noronha a explicar à imberbe inspectora Valentina Ferro que “*os judeus estavam à espera de um descendente de David que fosse tão poderoso que poderia quebrar as nações. Com ceptro de ferro e destruidor dos governantes ímpios, ou então de um ser cósmico, esse tal filho do Homem que governasse um império eterno*”. “*E o que lhes saiu na rifa?*”, pergunta T. Noronha. Ele próprio responde: “*um rabino pobre da Galileia, cujo exército não passava de um punhado de pescadores e artesãos analfabetos, mais algumas mulheres que lhes pareciam desencaminhadas [de má vida?!], por terem abandonado os seus lares. Era este o descendente de David que governaria com ceptro de ferro, expulsaria os Romanos [letra maiúscula] e destruiria os governos ímpios? Era este o filho do Homem que teria um império eterno? Este ... este maltrapilho? Os judeus riram-se*” [p. 165].

Quem ri somos nós, a bandeiras despregadas com esta descrição de cariz irregular. Porque, afinal, qual foi o resultado de tudo isto? O próprio JRS responde, sem querer, na saborosa Nota Final: a existência de mais de 2.000 000.000 de cristãos no século XXI. Pobres pescadores e artesãos analfabetos, de ontem e de hoje, que são (somos) “*cegos como labregos*”.

E, afinal, uma simples e emotiva narrativa como a que se segue é suficiente para percebermos porque veio e como chegou Jesus Cristo até nós [Augusto Cury, “O Maior Vendedor de Sonhos da História”, in *Nunca Desista dos Seus Sonhos*, Cascais, Pergaminho, 2007]:

“*Naquelas bandas, algo novo quebrou a mesmice. Havia um homem que morara por trinta anos num deserto. Os seus discursos eram estranhos, os seus gestos, bizarros. Parecia delirar no seu modo estranho de viver. Estava perturbado com a ideia fixa de que era o precursor do homem mais importante que jamais pisaria a terra.*

O seu nome era João, cognominado o Baptista. O que parecia estranho é que ele não convivera com a pessoa que anunciava, mas ela havia ocupado o seu imaginário. Ele fazia discursos eloquentes nas margens de um rio, descrevendo aquele homem com a precisão de cirurgião. As multidões aproximavam-se para ver o espetáculo das suas ideias. Ele teve a

coragem de dizer que o homem que aguardava era tão grande que ele mesmo não era digno de desatar as correias das suas sandálias. As pessoas ficavam perplexas com essas palavras.

Como podia um rebelde aos padrões sociais, que não tinha papas na língua, que não tinha medo de dizer o que pensava, elevar tão alto alguém que não conhecia? Que homem seria esse que João Baptista anunciava nos seus discursos? Alguns achavam que o homem anunciado apareceria como um rei, com vestes de seda rica. Outros imaginavam que ele apareceria como um general acompanhado por uma grande escolta. Outros ainda pensavam que ele era uma pessoa riquíssima que viria numa elegante carruagem com um cortejo inumerável de servos. Todos o aguardavam ansiosamente.

Apesar da diversidade de fantasias, a maioria concordava que o encontro com ele seria solene. Todos esperavam um discurso arrebatador. De repente, no calor do entardecer, quando os olhos confundiam as imagens no horizonte, surgiu discretamente um homem simples, de origem pobre. Ninguém reparou nele. As suas vestes eram surradas, sem nenhum requinte. A sua pele era desidratada, seca e sulcada, resultado do trabalho árduo e da longa exposição ao sol. Não tinha escolta, não tinha carruagem, não tinha servos.

Procurava passagem pelo meio da multidão. Tocava as pessoas com suavidade, pedia licença e pouco a pouco conseguia o seu espaço. Subitamente, os olhares cruzaram-se. João contemplou o homem dos seus sonhos. João via o que ninguém via e, para espanto da multidão, exultou com aquele simples homem.

As pessoas ficaram confusas e decepcionadas. Se a imagem as chocou, esperavam pelo menos que os seus ouvidos se deliciassem com o mais excelente dos discursos. Afinal de contas, a fome e os transtornos sociais eram enormes. Elas precisavam de alento. Porém, o homem dos sonhos de João Baptista entrou mudo e saiu calado. Desiludidas, as pessoas dispersaram. Mergulharam novamente na sua entediada rotina”.

Jesus, de facto, não correspondia às expectativas políticas com que o povo imaginava o Messias: não era um líder guerreiro que vinha mudar, pela força das armas, a situação em que se encontravam, nem tão pouco era um revolucionário que incitasse à revolta contra o poder romano. Mas tão pouco, acrescente-se, se manifestava como maltrapilho, pois a dignidade de Jesus sente-se em cada um dos muitos textos que sobre ele se escreveram.

O próprio episódio da traição de Judas se enquadra neste contexto de incompreensão da missão salvífica de Jesus, não pela espada, mas pela compaixão.

O Evangelho de Judas (Gnóstico), trazido a público recentemente, enfatiza que o traidor mais detestado da História era o fiel discípulo de Jesus, a quem este disse: «todos superarás, porque sacrificarás o Homem que Me reveste». O Evangelho afirma que Jesus pediu a Judas para o trair, para libertar a Alma do Seu Corpo, dizendo «ergue os teus olhos e repara na nuvem e na luz dentro dela e nas estrelas que a rodeiam. A estrela que aponta o caminho é a tua

estrela». Este relato indicia que Judas, ao contrário dos outros discípulos, compreende a Mensagem de Cristo. Mas Jesus previne-o: «*serás amaldiçoado*».

Sobre esta questão da frustração dos discípulos à luz de um Messias crucificado, também eu me permito especular (sem fundamento) acerca da traição de Judas Iscariotes. Factos: Judas traiu, efectivamente, Jesus identificando-o aos captores judaicos no Jardim de Getsemain (Jardim das Oliveiras); recebeu dinheiro das autoridades judaicas em troca “desse favor”; as suas intenções foram reconhecidas pelo Mestre na Última Ceia; defraudado com a crucificação, suicidou-se.

O móbil da traição de Judas foi o dinheiro? Não creio. Moveu-o um acto de vingança contra Jesus? Duvido. Esta era a sua missão «superior», como a apresenta o “Evangelho” em análise? Tenho as minhas desconfianças. Judas Escariotes era um apóstolo fiel a Jesus e merecedor da confiança do Mestre. Judas era um discípulo douto e estava ciente da missão Divina de Jesus, sendo aquele a quem foi confiada a administração dos bens financeiros do grupo (este apóstolo também não era, pelos vistos, analfabeto). Porquê, então, a traição? Judas não soube ou não quis esperar pela capacidade de superação de Jesus da própria morte. O anunciado «Reino dos Céus» constituiria, para ele, na substituição dos poderes seculares na terra pelo poder de Deus materializado em Jesus. Não esqueçamos que Judas conheceu João Baptista e acompanhou o desenlace da sua execução às mãos de Herodes Antipas. Acreditando que tal seria impossível de acontecer com o Messias, «provocou» a sua prisão para poder «assistir» à fragilidade do poder religioso do Sinédrio Judaico e secular do prefeito romano às mãos do Filho de Deus. Judas não soube esperar e não compreendeu que Jesus se entregaria às mãos dos seus executores tal como um cordeiro o faz na hora da degola; sem resistência, porque essa era a sua «sina»; carregar nos ombros os pecados do mundo transportando-os para a Cruz onde, em sofrimento, se entregaria ao Pai Celeste, salvando-os do pecado eterno.

Afinal, Jesus dissera, nesse período pascal e perante os sacerdotes do Templo, que possuía o poder de destruir e reedificar o Templo em três dias. Judas interpretou à letra essa intenção. Acontece que a destruição e reedificação do Templo era divina e não terrena: destruição do Templo – Jesus pregado na cruz; reedificação do mesmo passados três dias – a Ressurreição.

Ao perceber que Jesus se entregou qual «Cordeiro de Deus», ao saber do seu julgamento sumário e tortura violenta, percebeu que se equivocara; mortificado pela traição aos desígnios daquele a quem amava e admirava, arremessou com as moedas (que nada lhe diziam) e enforcou-se.

Judas Iscariotes não compreendeu e já não pôde assistir à exegese.

Retomo a citação de Augusto Cury e a forma como Jesus foi “recrutando” o seu “exército”:

“Alguns jovens ouviram falar dos sonhos de João Baptista. Mas estavam demasiado ocupados com a sua própria sobrevivência. Nada os animava, a não ser ouvir o grito do corpo suplicando por pão para saciar o instinto. O mar era o seu mundo. Nada havia de diferente no ar. De repente, dois irmãos ergueram os olhos e viram uma pessoa diferente a caminhar pela praia. Não se importaram. Os passos do desconhecido eram lentos e firmes. O homem aproximou-se. Os passos silenciaram. Os seus olhos focaram os olhos. Incomodados, eles entreolhavam-se: então o estranho estilhaçou o silêncio. Ergueu a voz e fez-lhes a proposta mais absurda do mundo: “seguí-Me e farei de vós pescadores de homens”.

Nunca tinham ouvido tais palavras. Elas perturbaram-nos. Mexerem com as rotinas diárias, questionaram a razão de existirem e com a própria existência. As palavras penetraram-lhes o espírito. Afinal que vida era a que levavam? De sobrevivência simplesmente, sem objetivos ou sonhos que não esse.

O nome dos irmãos que ouviram o convite “seguí-me e farei de vós pescadores de homens” era Simão [Pedro] e André. A rotina do mar havia afogado os seus sonhos. O mundo deles tinha poucas léguas. Mas apareceu-lhes um vendedor de sonhos que incendiou o seu espírito, os incentivou a trabalharem para a humanidade e a enfrentarem o oceano imprevisível da sociedade.

Jesus Cristo não havia feito nenhum acto sobrenatural, no entanto a sua voz tinha o maior de todos os magnetismos, porque vendia sonhos. Vender sonhos é uma expressão poética que fala de algo invendável. Ele distribuía um bem que o dinheiro jamais pôde comprar. O Mestre dos Mestres assombra os fundamentos da psicologia humana!”.

Pense um pouco: quem se arriscaria a segui-lo? Por que motivo seguir esse homem? Quais são as credenciais daquele que fez a proposta? Que implicações sociais, familiares e emocionais teriam essa proposta? O vendedor de sonhos era um estranho para os dois irmãos. Nada tinha de palpável para oferecer a esses jovens!

Você aceitaria tal oferta? Largaria tudo para dar a sua vida em prol da humanidade? Jesus não prometeu estradas sem acidentes, noites sem tempestades, sucessos sem perdas. Mas prometeu força na terra do medo, alegria nas lágrimas, afeto no desespero. Pareceria loucura segui-lo. Teriam de explicar a sua atitude aos seus amigos e parentes. Mas como explicar o inexplicável? Simão e André foram atraídos pelo vendedor de sonhos, mas não compreendiam as consequências dos seus actos.

Pouco depois, o Mestre da vida encontrou dois outros irmãos mais novos e inexperientes. Era Tiago e João. Eles estavam à beira da praia a consertar as redes. Ao seu lado, encontravam-se o seu pai e os empregados. O Mestre aproximou-se deles, fitou-os e fez o mesmo e intrigante convite. Não os persuadiu, não ameaçou nem pressionou, apenas os convidou. Foram cinco segundos que mudaram as suas vidas. Foram cinco segundos que abriram as janelas da memória que continham anos de anseio pela liberdade e pelo libertador da nação oprimida.

Zebedeu, o pai, ficou atônito com a atitude dos filhos. Escorriam lágrimas no seu rosto e dúvidas na sua alma. Ele tinha barcos. Era negociante. A sua esposa era uma mulher de fibra. Queria que os seus filhos fossem prósperos no território da Galileia. Mas veio alguém e ofereceu-lhes o mundo, chamou-os para trabalhar no coração humano. Deixarem-se convencer de que ele era o Messias era uma tarefa árdua. Ele não podia ser tão comum, despojado, sem pompa e comitiva”.

Mas era. Despojado, sem pompa ou circunstância.

Conto ainda um pequeno episódio histórico conhecido. Um dia, alguns conselheiros próximos de Estaline alertaram-no para o perigo que o Papa representava para a ideologia política do império soviético. Com desdém, o ditador limitou-se a colocar uma questão: “afinal quantas divisões tem esse Papa?”. Nenhuma, obviamente, a não ser a fé de mais 1.000.000.000 de católicos que, no limite e no tempo de João Paulo II, contribuiu para a queda da cortina de ferro imposta pelo comunismo internacional patrocinado por Moscovo.

† †

O Amor é o caminho apontado para a Paz Universal, o entendimento e a harmonia entre as pessoas e a realização espiritual de cada ser humano. Jesus anunciou o Reino dos Céus com sinais e milagres «para atestar que o Reino está presente n’Ele, o Messias». Ao libertar, com as Bem-Aventuranças (que JRS nega terem sido proferidas), da letra morta da lei o espírito vivo da clemência, Jesus declarou que se limitava a trilhar a senda percorrida pelos profetas anteriores. *“Não penseis que vim destruir os profetas. Eu não vim destruir, mas dar cumprimento”*.

Jesus substituiu os dogmas da Sinagoga por uma visão profética de um Reino Celestial. *“Substituí as convenções pelas vossas convicções”*. A convicção da justiça, da compaixão, da bondade, da ternura, da paz. *“Cessai de vos oprimir uns aos outros pelos chamados bens da terra. Só existe um bem na terra e no céu – é o coração meigo. Sede brandos, não apenas com os vossos amigos, mas para com os vossos inimigos. Quem é um inimigo senão um homem de alma ferida”*. E concluiu: *“Orai por aqueles que vos oprimem”*.

Qual o meio, então, de estabelecer o Reino do Céu na Terra? Ensinou Jesus, *“faz aos outros o que queres que te façam a ti”*. Deste modo, converteu o preceito negativo de Zoroastro e Confúcio, profetas orientais que proclamaram *“não faças aos outros o que não queres que te façam a ti”*, numa mensagem Áurea Positiva, e transformou a justiça passiva no Amor activo.

Os milagres de Cristo enquadram-se nesta proximidade ao ser humano e enquanto manifestação da existência do Reino de Deus. Não obstante JRS afiançar, através de Tomás Noronha, que *“os milagres não têm nada a ver com a suposta divindade de Jesus. Tal como acontece hoje nas feiras, naquele tempo também existiram curandeiros e pessoas com poderes especiais, ditos milagres”* (p. 193).

Os milagres existiram, em grande quantidade (27 descritos, só nos Evangelhos Canónicos) e de enorme alcance espiritual, associados à proclamação do Reino de Deus. Os milagres são o reconhecimento da bondade de Deus e uma mudança de vida para os beneficiados e a resistência em fazê-los e em que fossem apregoados mostra que Jesus não procurava a exaltação individual ou a glória pessoal. Apesar de desviar do humanamente compreensível, o milagre não só não incomoda como acontece ... todos os dias, há muitos dias.

Feitiçaria? Actos de bruxaria? Magia? Disso foi acusado pelas autoridades judaicas, o que significa que os milagres aconteceram, embora não admitindo que estes tivessem origem divina, mas antes feitos em nome de Belzebu. Até o insuspeito (e neutro) historiador Flávio Josefo se lhes refere, conforme já exposto anteriormente.

Cientificamente é impossível a ocorrência de milagres como os que Jesus praticou? Curar um cego, um leproso, um epilético, andar sobre as águas do mar, acalmar uma tempestade, multiplicar pães e peixes, transformar água em vinho ou ressuscitar os mortos! A Ciência tudo explica? Sabemos que não, apesar de explicar muito. E que tal justificar, além da Fé, os milagres de Cristo à luz da ciência? Para tanto, e de modo a não tornar este texto fastidioso, aconselho a leitura do livro “*A Física do Cristianismo*”, de Frank J. Tipler [Capítulo V: Os Milagres Não violam as Leis da Física, pp. 126-168].

“A Ressurreição é o momento decisivo da Fé Cristã, a verdade culminante da fé em Cristo, que representa, com a cruz, uma parte essencial do Mistério Pascal. Embora seja um acontecimento histórico, constatável e atestado através de sinais e testemunhas, a Ressurreição enquanto entrada da humanidade de Cristo na Glória de Deus, transcende e supera a história, como mistério de Fé. Por este modo, Cristo Ressuscitado não se manifestou ao mundo, mas aos seus discípulos, fazendo deles as suas testemunhas junto do povo”.

O Último Segredo, para não variar, aponta a Ressurreição como uma fraude bem urdida pelos Apóstolos, e tão bem construída no campo da literatura e da pregação que frutificou! E, nesse aspecto, JRS socorre-se de Hermann Reimarus, autor oitocentista (que caracterizaremos na Nota Final), que chega ao ponto de acusar que os discípulos inventaram histórias miraculosas e fabricaram o conto da ressurreição para evitar o seu retorno ao ofício de pescadores!!!

Mas há enigmas que nos surpreendem, seguindo o raciocínio do livro. Se os Apóstolos “*eram analfabetos*”, “*cegos como labregos*” e não passavam de simplórios agarrados à faina da pesca como convenceram, em tão pouco tempo, milhares de judeus e gentios que um facto tão transcendental quanto o foi a Ressurreição aconteceu com um homem simples da Galileia? E, mais estranho ainda, se pretenderam inventar uma história do domínio do sobrenatural que sentido fez apresentar inicialmente Cristo ressuscitado a mulheres, numa época em que não eram as testemunhas mais credíveis a utilizar!

Já o Codex 632, [Gradiva, 2005] que pretende ser a primeira investigação de fundo, centrada na figura de Cristóvão Colombo, é o primeiro subterfúgio em forma de romance para um plágio histórico de JRS. Apresenta-nos o autor factos tidos por desconhecidos e esclarece dúvidas sobre as quais nem sonhávamos! A mais mediática das quais é que, afinal, Colombo não era genovês, mas português (de Cuba – Alentejo). Acontece que decalca a tese científica das obras de referência de Augusto Mascarenhas Barreto, Manuel da Silva Rosa/Eric Steele e Patrocínio Ribeiro e, quanto ao romance entre o inefável historiador português Tomás de Noronha e uma sueca depravada tudo se resume a ... nada.

Sobre esta questão não resisto a apresentar o conteúdo de uma carta supostamente assinada por um advogado americano em 1995, chamado Barack Hussein Obama [actual presidente dos EUA]. É pouco provável que a dita carta tenha sido redigida por Obama, mas ela dá-nos uma imagem das dúvidas que envolvem as origens de Colombo:

Nessa altura era um advogado de sucesso na defesa de direitos civis e professor de direito constitucional na escola de direito da Universidade de Chicago (Illinois), membro fundador da mesa diretora da organização sem fins lucrativos Public Allies e membro da mesa diretora da fundação filantrópica Woods Fund of Chicago.

Em certa ocasião pediu um empréstimo em nome de um cliente que perdera a casa num furacão e que pretendia reconstruir. Foi-lhe comunicado que o empréstimo seria concedido logo que ele pudesse apresentar o título de propriedade original da parcela da propriedade que estava a ser oferecida como garantia. O advogado Barack Obama levou três meses para seguir a pista do título de propriedade, datado de 1803. Depois de enviar as informações para o Banco, recebeu a seguinte resposta:

“Após a análise do seu pedido de empréstimo, notamos que foi apresentada uma certidão do registro predial. Cumpre-nos elogiar a forma minuciosa do pedido, mas é preciso salientar que o senhor tem apenas o título de propriedade desde 1803. Para que a solicitação seja aprovada, será necessário apresentá-lo com o registo anterior a essa data”.

Irritado, o advogado respondeu da seguinte forma:

“Recebemos a vossa carta respeitante ao processo n.º.189156. Verificamos que os senhores desejam que seja apresentado o título de propriedade para além dos 194 anos abrangidos pelo presente registo.

De facto, desconhecíamos que qualquer pessoa que fez a escolaridade neste país, particularmente aqueles que trabalham na área da propriedade, não soubesse que a Luisiana foi comprada pelos EUA à França, em 1803. Para esclarecimento dos desinformados burocratas desse Banco, informamos que o título da terra da Luisiana, antes dos EUA terem a sua propriedade, foi obtido a partir da França, que a tinha adquirido por direito de conquista da Espanha.

A terra entrou na posse da Espanha por direito de descoberta feita no ano 1492 por um navegador e explorador dos mares chamado Cristóvão Colombo, casado com dona Filipa, filha de um navegador de nome Perestrelo.

Este Colombo era pessoa respeitada por reis e papas e até ousou aconselhar-vos a ler sua biografia para avaliar a seriedade de seus feitos e intenções. Esse homem parece ter nascido em 1451 em Génova, uma cidade que naquela época era governada por mercadores e banqueiros, conquistada por Napoleão Bonaparte em 1797 e actualmente parte da Região da Ligúria, República Italiana.

A ele, Colombo, havia sido concedido o privilégio de procurar uma nova rota para a Índia pela rainha Isabel de Espanha. A boa rainha Isabel, sendo uma mulher piedosa e quase tão cautelosa com os títulos de propriedade como o vosso Banco, tomou a precaução de garantir a bênção do Papa, ao mesmo tempo que vendia as suas jóias para financiar a expedição de Colombo.

Presentemente, o Papa – isso, temos a certeza de que os senhores sabem - é o emissário de Jesus Cristo, o Filho de Deus, e Deus – é comumente aceite – criou este mundo a partir do nada com as palavras Divinas: Fiat lux que significa «Faça-se a luz», em língua latina. Portanto, creio que é seguro presumir que Deus também foi possuidor da região chamada Luisiana, por que antes nada havia. Deus, portanto, seria o primitivo proprietário e as suas origens remontam a antes do início dos tempos, tanto quanto sabemos e o Banco também. Esperamos que, para vossa inteira satisfação, os senhores consigam encontrar o pedido de crédito original feito por Deus.

Senhores, se perdurar algumas dúvidas quanto a origem e feitos do descobridor destas terras, posso adiantar-lhes que desta dúvida, certeza mesmo, só Deus a terá por que Inúmeros historiadores e investigadores, concluíram baseados em documentos que, Cristóvão Colombo, nasceu em Cuba (Portugal) e, não em Génova (Itália), como está oficializado:

Segundo eles, em primeiro lugar, Christovam Colon, foi o nome que Salvador Gonçalves Zarco escolheu para persuadir os Reis Católicos de Espanha a financiar-lhe a viagem à Rota das Índias, pelo Ocidente, escondendo assim a sua verdadeira identidade.

Segundo, este pseudónimo não aparece por acaso, porque Cristóvão está associado a São Cristóvão, que é o protetor dos Viajantes (existe inclusive uma ilha batizada de São Cristóvão). Cristóvão, que também deriva de Cristo, que propaga a fé por onde anda. Acresce que Cristo está associado a Salvador (1º nome verdadeiro do ilustre navegador). Colon, porque é a abreviatura de colono e derivado do símbolo das suas assinaturas".." (Duas aspas, com dois pontos no meio).

Terceiro, Salvador Gonçalves Zarco, está devidamente comprovado, nasceu em Cuba (Portugal) e é filho ilegítimo do Duque de Beja e de Isabel Gonçalves Zarco.

Quarto, era prática usual na época os navegadores darem às primeiras terras descobertas nomes religiosos. No caso dele foi São Salvador (Bahamas), que por coincidência, ou talvez não, deriva do seu primeiro nome verdadeiro, a segunda batizou de Cuba (Terra Natal) e, seguidamente, Hispaniola (Haiti e República Dominicana), porque estava ao serviço da Coroa Espanhola.

Quinto, a paixão pelos mares estava no sangue da família Zarco, nomeadamente em João Gonçalves Zarco, descobridor de Porto Santo (1418) com Tristão Vaz Teixeira e da Ilha da Madeira (1419) com o sogro de Christovam Colon, Bartolomeu Perestrelo.

Por fim, sexto, existem outras ilhas nas Caraíbas com referência a Cuba (além da mencionada Cuba), como São Vicente. Na época existia a Capela de São Vicente, da então aldeia de Cuba. Posteriormente (Sec-XVI), foi edificada a atual Igreja Matriz de São Vicente.

São coincidências mais do que suficientes (pseudónimo, nome das ilhas, família nobre e ligada ao mar, habitou e casou em Porto Santo, ilha que fica na Rota das Índias pelo Ocidente), para estarmos em presença de Salvador Gonçalves Zarco e, conseqüentemente, do português Christovam Colon.

Christovam Colon morreu em Valladolid (Espanha), em 1506, tendo os seus ossos sido trasladados para Sevilha em 1509. Contudo, em 1544 foram para a Catedral de São Domingos, na época colónia espanhola, satisfazendo a pretensão testamental do prestigiado navegador. A odisseia das ossadas não ficaria por aqui, porque em 1795 os espanhóis tiveram de deixar São Domingos, tendo os ossos sido transferidos para Cuba (Havana) para, em 1898, depois da independência daquela ilha, terem sido depositados na Catedral de Sevilha.

Coincidência ou não, em 1877 os dominicanos, ao reconstruírem a Catedral de São Domingos, encontraram um pequeno túmulo com ossos e intitulado Almirante Christovam Colon.

Existem na Ilha da Madeira e nos Açores pessoas das famílias Zarco, descendentes diretos de João Gonçalves Zarco e de Isabel Gonçalves Zarco e, conseqüentemente, de Christovam Colon, disponíveis para darem uma amostra do seu cabelo aos cientistas para analisarem o seu DNA e para compararem os seus resultados nas ossadas do navegador, se efetivamente forem as pretensões deste Banco para certificar-se da origem do navegador.

Quanto a Deus, ainda não tenho a sua biografia, somente sei que caso a conseguisse, até o maior e mais potente computador do planeta não seria suficiente para comportar um resumo do resumo da mesma, por isso sugiro-vos educadamente e após muito pensar que, por serem banqueiros e, portanto poderosos, tentem por vossos meios.

Agora, que está tudo esclarecido, será que podemos ter o nosso empréstimo?"

O empréstimo, claro, foi concedido. Mas o que fica é que a História em torno dos mistérios que envolvem a origem do navegador das “américas” é bem conhecida. E há bastante tempo. E por muita gente. Mas, também aqui, e tal como em relação ao exemplo de D. Afonso Henriques que avançámos, a inexistência de factos documentalmente comprovados que justifiquem o contrário, Cristóvão Colombo é genovês.

O pretensiosismo de originalidade e certezas inabaláveis assente no trabalho dos outros...

Sem dúvida. Mas no texto de O Último Segredo o primeiro só é copiado nas partes que convém e por vezes é convenientemente deturpado (como vimos). O segundo convém ter presente que é um evangélico convertido ao ateísmo e é ... maçom. Ou seja, centrou-se no Delta Luminoso, justificou o GADU e ridiculizou, sem substância, Jesus Cristo.

Para quem afirma que se munuiu de uma vasta bibliografia de referência (toda em língua estrangeira) para apresentar verdades ocultas sobre Jesus de Nazaré, questiona-se da razão por que a incontornável e *master* obra de referência em três volumes, do investigador americano John P. Meier [A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus, Anchor Bible Reference Library, Nova Iorque, 1991 – 1999 - 2001], foi exemplarmente ignorada.

- Uma das partes ironicamente mais ‘verosímeis!’ da bibliografia de José Rodrigues dos Santos é esta: “*como fontes para as citações bíblicas recorri à Bíblia Sagrada, edição lançada pela Verbo em 1976 para comemorar a visita do papa João Paulo II a Portugal nesse ano*” (p. 561).

Como é isso possível se em 1976 o papa era Paulo VI, Karol Wojtyła só assumiu o pontificado, como João Paulo II, em 1978 e as visitas deste Papa a Portugal ocorreram em 1982, 1991 e 2000? As verdades de O Último Segredo seguem este nível rigoroso!

- No segundo parágrafo da Nota Final o autor justifica que “*em momento algum foi minha intenção desrespeitar ou ofender qualquer crente desta grande religião que é o cristianismo [em letra minúscula], a maior do planeta*”.

Não desrespeitou? Honestamente, é de bom-tom, educado e intelectualmente honesto tachar Jesus de Nazaré (mesmo que seja considerado simplesmente homem religioso) um pacóvio que veio das berças? Gostava da pingoleta e era um valente garfo? Que lidava com provincianos analfabetos, cegos como labregos (os Apóstolos)? As Epístolas de São Paulo não passam de simples e-mails?

São adjetivos miseráveis e inadmissíveis quando o assunto é Jesus Cristo, como o seria relativamente a Abraão, Moisés, Confúcio, Zoroastro, Buda ou Maomé, por exemplo. Se isto não é desrespeitar...

- Ainda sobre o Cristianismo, o autor prossegue: “*(...) é esta religião que funda a nossa moral. Podemos nem nos aperceber, mas o cristianismo encontra-se por detrás da nossa noção do bem e do mal, do correcto e do incorrecto, do caminho justo e caminho corrupto. Mesmo que não tenhamos noção disso, estamos impregnados de cristianismo e da sua ética*”.

Pois estamos, concretamente a Europa, Américas, Oceânia, parte da África sub-sariana e parcelas da Ásia. O que não espanta, pois foi a Igreja que deu consistência política, organização social e viabilizou o desenvolvimento quotidiano de uma Europa romana que sucumbiu ao caos originado pelas invasões bárbaras e muçulmanas (séculos V-X). A Igreja foi a única instituição

que permaneceu firme naquela época histórica. Como parece voltar a acontecer nesta Europa comunitária em clara desagregação, em que os líderes políticos renegam a tradição judaico-cristã e o poder da banca pensa sustentar a civilização em cima de uma moeda (Euro). Com o desemprego em espiral, as famílias em desagregação, os indigentes a proliferarem e a fome a martirizar permanece a firmeza da Igreja (e organizações humanitárias) junto dos carenciados, quando tudo o resto, de novo, recolhe a «quartéis» como se a Oeste nada de novo houvesse.

Depois do bom Papa João XXIII, do pragmático Paulo VI, do Sorriso de João Paulo I, da proximidade pastoral de João Paulo II e da intelectualidade profunda de Bento XVI temos o Papa Francisco, que quer mais aproximação da Igreja aos pobres, votados ao abandono por uma sociedade muito mais interessada em navegar na virtualidade das “coisas” ou em chegar a Marte.

• E continua José Rodrigues dos Santos: “*parece-me, por isso, importante que conheçamos melhor esta religião. Quem era realmente o seu fundador? O que defendia? Tratava-se de um mero homem ou de um deus [letra minúscula]*?”

Importa conhecer ou deturpar? Deturpando e aniquilando, sem critérios de razoável honorabilidade intelectual e competência científica? Sobre este aspecto remeto para a nota introdutória que precede este texto, da autoria de Juan Chapa e que é anterior à publicação de *Q Último Segredo*.

• Por fim, surge a contra-factualidade, com questões que «cheiram» a resposta: “Se por acaso voltasse à Terra [aqui letra maiúscula] seria louvado como o Messias ou denunciado como um herege? Que afinidade teria Jesus com a religião que hoje se pratica em seu nome?”

Sem comentários!!!

✦ ✦

Fecho

A reacção que vejo na internet por parte de JRS às anotações do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura ao Último Segredo impeliu-me ao presente comentário, quando insiste: *“O mais interessante nesta crítica é que não é contestado um único facto que apresentei em O Último Segredo sobre a vida de Jesus. Há uma boa razão para isso. É que tudo o que no romance escrevi, no que diz respeito a citações bíblicas ou informações históricas ou científicas, é verdadeiro – e a Igreja sabe”*.

Meu caro José Rodrigues dos Santos, terá sido **Jesus** um simples homem? Quem sabe! Mas, como alguém dizia, **Homem assim só Deus.**